



Presidente do TSE alega "erro material" na primeira decisão, que vetava a publicidade sobre o Bicentenário da Independência

Moraes volta atrás e libera propaganda

» LUANA PATRIOLINO

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes, liberou, parcialmente, a veiculação de uma propaganda sobre os 200 anos da Independência, com o slogan "o futuro escrito em verde e amarelo". O ministro chegou a publicar uma decisão proibindo totalmente a publicidade, mas, depois, divulgou uma correção.

Inicialmente, Moraes havia proibido a veiculação, sob o argumento de que a peça faz "plena alusão a pretendentes de determinados cargos públicos". Quase 24 horas após a determinação, o magistrado corrigiu o despacho — sob a alegação de "erro material" no primeiro — e liberou parcialmente a propaganda, desde que as peças passem por ajustes.

Moraes determinou a retirada do trecho que diz que a luta pela Independência deve ser levada "para o nosso cotidiano, para a proteção das nossas famílias e sobretudo, para a construção de um Brasil melhor a cada dia". Segundo o presidente do TSE, essa parte "excede à informação da população acerca do Bicentenário da Independência, com eventual conotação eleitoral".

O magistrado também vetou menções ao governo federal. O material divulgado deverá identificar apenas os ministérios do Turismo, da Defesa e das Relações Exteriores — responsáveis pela campanha. Deverão ser retiradas as citações a sites com as palavras "governo" ou "gov".

Ao TSE, o Executivo alegou que as celebrações do Bicentenário da Independência, além do tradicional desfile cívico-militar,

Alejandro Zambrana/Secom/TSE



O ministro Alexandre de Moraes liberou as peças sobre o 7 de Setembro, mas com restrições

têm como foco a participação da sociedade, sendo uma "importante data comemorativa com valorização das principais figuras históricas do Brasil".

O presidente Jair Bolsonaro (PL) chegou a comentar o assunto antes da correção do gabinete. Disse que foi informado sobre a decisão durante gravação de um programa de rádio e sinalizou que não ia cumprir a determinação. "Ordem absurda não se cumprir", sustentou.

Segundo a Lei das Eleições, é vedada a publicidade do governo durante o período de campanha. Caso o órgão queira veicular alguma propaganda, deve pedir

autorização à Justiça Eleitoral. Cabe ao tribunal analisar cada caso.

De acordo com a advogada Paula Bernardelli, especialista em direito eleitoral, a decisão de Moraes visou coibir qualquer tipo de publicidade do governo Bolsonaro, que tenta garantir a reeleição no pleito de outubro.

"Evitar que uma data comemorativa importante seja utilizada como desculpa para que um candidato à reeleição obtenha vantagens eleitorais utilizando recursos e espaços públicos. Não se pode afastar a importância da data comemorativa, muito menos autorizar que ela sirva de pretexto para

afetar ilegalmente o equilíbrio do pleito eleitoral", enfatizou.

O advogado eleitoral Cristiano Vilela partilha do mesmo entendimento. "O dispositivo legal em questão proíbe a publicidade institucional dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos, salvo em caso de grave e urgente necessidade pública, assim reconhecida pela Justiça Eleitoral. E justamente compete à Justiça Eleitoral proceder essa análise de modo a evitar que a máquina pública seja usada em favor de um ou de outro candidato", ressaltou.

Clauber Cleber Caetano/PR



Bolsonaro reage a Lula: "Não tem filé mignon para todo mundo"

sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19, lançado em junho, mostram que 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer no país — patamares registrados pela última vez apenas nos anos 1990. A nova edição da pesquisa mostra, ainda, que mais da metade da população brasileira (58,7%) convive com algum grau de insegurança alimentar (leve, moderado ou grave).

Ricardo Stuckert



Lula busca contornar resistências internas a seu vice

as filantrópicas, para um diálogo permanente. Quando a gente ouve mais, erra menos."

A agenda solo de Alckmin busca discrição e evita que os encontros sejam divulgados. O ex-governador também dá raras entrevistas.

O candidato a vice também evita participar com Lula de eventos nos quais há forte presença das alas mais radicais do

PT, para evitar vaias, como as que recebeu num comício em Natal e num ato de centrais sindicais em São Paulo. Parte da militância petista e de outros partidos de esquerda é contrária à presença dele na chapa.

Na cúpula do PT, porém, a resistência a Alckmin já está bem reduzida, e a estratégia de compor a chapa com ele é considerada um sucesso.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Lula nadou de braçada na entrevista do JN

Quem esperava uma entrevista pesada, como a do presidente Jair Bolsonaro, na segunda-feira, certamente ficou surpreso com a sabatina do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva aos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, no *Jornal Nacional* (TV Globo), na quinta-feira. O clima de grande expectativa em torno da entrevista, decorrente do histórico de desentendimentos entre o líder petista e a emissora, foi desanuviado logo no começo, quando o âncora do programa jornalístico de maior audiência da televisão brasileira, ao formular sua pergunta sobre a corrupção nos governos petistas, fez a ressalva de que o ex-presidente não devia nada à Justiça.

Daí para a frente, Lula ficou à vontade, ora sorridente, ora veemente, respondendo às perguntas de acordo com sua conveniência. Algumas vezes, tergiversou; outras, mandou recados aos diferentes públicos que pretende seduzir na campanha eleitoral. Foi o caso da nomeação do novo procurador-geral da República, caso seja eleito. O petista deixou no ar se aceitar a lista tríplice tradicionalmente eleita pelos procuradores, como fez durante seu governo. Sem nunca perder a elegância, foi mais atencioso com Renata Vasconcellos do que com Bonner. O Lula ressentido dos palanques eleitorais deu lugar à nova versão do Lulinha Paz e Amor, 20 anos depois. O petista estava de bem com a vida e convicto de que sua volta ao poder, em parceria com o ex-tucano Geraldo Alckmin, é a chave para resolver os problemas do país.

Não concordo com a tese de que os jornalistas refrescaram deliberadamente Lula, apenas não tiveram oportunidade de confrontá-lo como fizeram com Bolsonaro, porque Lula foi muito esperto e estava preparado para vender seu peixe com competência. Fez isso de forma menos propositiva do que Ciro Gomes, por exemplo, mas muito eficiente para resgatar seu legado como presidente da República por dois mandatos, que deixou o governo com altos índices de aprovação. O caminho crítico era a Operação Lava-Jato, mas esse tema Lula tratou como um erro judicial, da qual foi vítima, o que muda a natureza de sua prisão. Aproveitou para desqualificar o ex-juiz Sérgio Moro, que o sentenciou à prisão, e só faltou bater no peito para dizer que seu governo criou condições para todas as investigações da Lava-Jato, ao fortalecer os órgãos de controle e não interferir na Polícia Federal nem no Ministério Público Federal.

Quando questionado sobre o mensalão, derivou para a crítica ao chamado orçamento secreto, no valor de R\$ 16 bilhões. Aproveitou a oportunidade para fustigar Bolsonaro, que chamou de "bobo da corte". Disse que o atual presidente da República entregou o Orçamento da União ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que libera o pagamento das emendas parlamentares diretamente com os ministros. Lula defendeu a ex-presidente Dilma Rousseff, mas dela manteve distância regulamentar. Criticou os comunistas cubanos e chineses, demarcando território em relação à esquerda e encheu a bola do vice Geraldo Alckmin, para agradar aos eleitores de centro e mostrar que a polarização entre PT e PSDB era do bem, pois se tratavam como adversários, enquanto a luta do bem contra o mal preconizada por Bolsonaro seria de natureza fascista.

NAS REDES SOCIAIS, 15 MILHÕES DE PESSOAS ACOMPANHARAM AS POSTAGENS SOBRE A ENTREVISTA DE LULA AO JN, MAIS DO QUE A AUDIÊNCIA DE BOLSONARO, QUE FOI DE NOVE MILHÕES

Caiu na rede

Visto por esse ângulo, Lula aproveitou a oportunidade para consolidar seu favoritismo nas eleições, mas as coisas não acontecem tão fácil assim. O resultado da entrevista não pode ser avaliado pelo desempenho de Lula frente aos jornalistas da TV Globo, apenas. Não, existe uma guerra de versões nas redes sociais. A imagem que Lula tentou construir não será exatamente a que gostaria, será o resultado do seu desempenho e das críticas dos bolsonaristas. Hoje, isso é mensurável nas redes sociais, embora a prova dos nove seja a pesquisa de opinião feita com os eleitores, em bases estatisticamente confiáveis.

Nas redes sociais, 15 milhões de pessoas acompanharam as postagens sobre a entrevista de Lula ao JN, mais do que a audiência de Bolsonaro, que foi de nove milhões. Lula teve boa aprovação ao defender a presença de Alckmin na sua chapa. Também faturou quando criticou o ódio na política. Em contrapartida, as redes reagiram negativamente quando não respondeu sobre a lista tríplice e chamou Bolsonaro de "bobo da corte". Também se desgastou quando disse que a solução para o orçamento secreto era negociar com os deputados.

Segundo a Quaest Pesquisa, Lula teve 48% de menções positivas e 52% de negativas. Saiu-se melhor do que Bolsonaro, que teve 35% de aprovação, mas ficou aquém de Ciro Gomes, que somou 54%. Trocando em miúdos, a percepção de que Lula nadou de braçada na entrevista do JN é válida se examinarmos seu desempenho na tevê, mas isso não se traduz nas redes sociais, onde os bolsonaristas são muito mais organizados do que os petistas.

As próximas pesquisas de opinião nos dirão se as entrevistas provocaram alguma alteração do quadro eleitoral. Amanhã, comento o desempenho de Simone Tebet (MDB) ontem à noite, no *Jornal Nacional*.

Bolsonaro nega haver fome "para valer" no país

Ao ser questionado sobre medidas para resolver o problema da fome no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que "fome para valer (no país) não existe da forma como é falado". O chefe do Executivo alegou que, quem diz o contrário, "são pessoas que vendem mentiras".

"Se eu falar para vocês que não tem fome no Brasil, amanhã o pessoal me esculacha na imprensa. Mas eles não sabem a realidade se existe gente faminta no Brasil ou não. O que a gente pode dizer, se for a qualquer padaria aqui, não tem ninguém ali pedindo para você comprar um pão para ele, isso não existe. Eu falando isso, estou perdendo

votos, mas a verdade você não pode deixar de dizer", afirmou em entrevista ao Ironberg Podcast, do fisiculturista Renato Cariani. "Quem porventura está no mapa da fome pode se cadastrar, vai receber, não tem fila o Auxílio Brasil. São 20 milhões de famílias", completou.

Mais cedo, em entrevista ao programa Pânico, da Jovem Pan, Bolsonaro rebateu a declaração do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de que a população tem que voltar a comer picanha. "A esquerda vende a ilusão de picanha para todo mundo, e eu digo: não tem filé mignon para todo mundo", declarou.

Dados do 2º Inquérito Nacional

Elogios a Alckmin têm repercussão positiva

» VICTOR CORREIA

Os elogios ao ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) estão entre os trechos de maior repercussão da sabatina do candidato do PT ao Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva, no *Jornal Nacional*, na quinta-feira. A constatação é da própria campanha, após análise das redes sociais. Desde que foi anunciado como vice na chapa, o ex-tucano sofre resistência por parte da militância petista, mas sua atuação vem agradando à cúpula do partido.

A composição com Alckmin foi pensada para ampliar o alcance da chapa em setores nos quais Lula não consegue tração. Recém-filiado ao PSB após 33 anos de PSDB, o ex-governador atrai os eleitores mais à direita e tem trato com segmentos

estratégicos como o empresarial e o agronegócio. Além disso, ele tem grande influência em São Paulo, maior colégio eleitoral do país.

Um exemplo recente da atuação de Alckmin ocorreu em Brasília na quinta-feira, mesmo dia da sabatina de Lula. Ele participou do 30º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos, setor alinhado ao presidente Jair Bolsonaro (PL), mas que, no momento, se diz descontente com as medidas da atual gestão.

"Lula tem consciência da gravidade da situação e da dificuldade que vive quem atende o SUS (Sistema Único de Saúde). Tem de melhorar a remuneração e discutir um novo modelo de contratação, algo mais moderno que a tabela SUS", discursou Alckmin. "Defendo que o Ministério da Saúde tenha secretaria só para